



**PPGART**  
editora

**ALFREDO** EM PROCESSO;  
**NICOLAIEWSKY** EM QUARENTENA

**PPGART**  
editora

**ALFREDO NICOLAIEWSKY**  
ORGANIZAÇÃO

**ALFREDO** EM PROCESSO;  
**NICOLAIEWSKY** EM QUARENTENA

**TEXTOS**

BLANCA BRITES  
EDUARDO VERAS  
ICLÉIA CATTANI  
JOANA BOSAK  
KÁTIA POZZER  
MARILICE CORONA  
MARIZE MALTA  
NARA AMÉLIA  
PAULA RAMOS  
PAULO GOMES  
TADEU CHIARELLI

SANTA MARIA  
2020

**PPGART**  
editora

© de Alfredo Nicolaiewsky

1ª edição: 2020

Organização: Alfredo Nicolaiewsky

Revisão de texto: Luana Nicolaiewsky

Fotografia: Alfredo Nicolaiewsky

Design gráfico: Sandro Ka

A892 Alfredo em processo; Nicolaiewsky em quarentena [recurso eletrônico] / Alfredo Nicolaiewsky, organização ; textos Blanca Brites, Eduardo Veras, Icléia Cattani, Joana Bosak, Kátia Pozzer, Marilice Corona, Marize Malta, Nara Amélia, Paula Ramos, Paulo Gomes, Tadeu Chiarelli ; [revisão de texto: Luana Nicolaiewsky ; design gráfico: Sandro Ka]. – 1. ed – Santa Maria, RS : Ed. PPGART, 2020.  
1 e-book: il.

ISBN 978-65-88403-05-1

1. Pintura – Nicolaiewsky, Alfredo 2. Nicolaiewsky, Alfredo – Pintura 3. Diálogos – Isolamento social – Covid-19 I. Nicolaiewsky, Alfredo II. Brites, Blanca Luz II. Veras, Eduardo Ferreira IV. Cattani, Icléia Maria Borsa V. Figueiredo, Joana Bosak de VI. Pozzer, Kátia Maria Paim VII. Corona, Marilice Villeroy VIII. Malta, Marize IX. Silva, Nara Amélia Melo da X. Ramos, Paula Viviane XI. Gomes, Paulo César Ribeiro XII. Chiarelli, Tadeu XIII. Nicolaiewsky, Luana XIV. Ka, Sandro  
CDU 75NICOLAIWSKY

869.0(81)-83

Ficha catalogáfica elaborada por Alenir Goularte CRB-10/990  
Biblioteca Central - UFSM

Todos os direitos desta edição estão reservados à Editora PPGART.

Av. Roraima 1000. Centro de Artes e Letras, sala 1324. Bairro Camobi. Santa Maria/RS - Telefones: 3220-9484 e 3220-8427  
E-mail: editorappgart@ufsm.br e seceditorappgart@gmail.com  
<http://coral.ufsm.br/editorappgart/>

## **Do inútil do fazer**

Eduardo Veras

A pergunta já foi feita e refeita um sem-número de vezes: para que serve a arte? Há algo de verdadeiramente proveitoso naquilo que os artistas nos oferecem? Para além do mais óbvio e do mais mundano (do mercado, da sobrevivência ou da distinção), a arte nos proporciona algo que, de fato, seja útil?

Ocorre que o presente mais recente, com a pandemia e a necessidade da quarentena, nos levou a uma atualização dessas questões. Em tempos de enclausuramento doméstico, muitos se viram obrigados a reconhecer que os objetos artísticos nos concedem, quando não encantamento, alguma consolação. Diante da fragilidade das políticas públicas no combate à doença e diante, ainda pior, do projeto genocida que se espalhou pelo Brasil, a arte tem representado, mais do que um alento, uma espécie de trégua.

Alfredo Nicolaiewsky se propôs, nesses dias de isolamento, a uma retomada da pintura, linguagem da qual se afastara havia anos, em proveito da fotografia e da apropriação de imagens do cinema. O projeto inicial talvez não fosse outro que ocupar essas horas estranhas nas quais tudo parece, a um só tempo, moroso e veloz: quase nada acontece, e, no entanto, o dia logo se esvai. A exemplo do artista inconfessável de João Cabral, entre o inútil do fazer e o inútil do não fazer, Alfredo preferiu o inútil do fazer.

Tomou como suporte o que havia de mais precário. O movimento se assemelha ao de certa escolha de Truman Capote. Ao justificar porque optara pelo ator Marlon Brando para um texto que se tornaria referência, inaugurando um novo gênero de não-ficção, o escritor dizia ter selecionado o tipo mais reles de escrita – a entrevista com celebridades – para dar a ele o tratamento mais sofisticado, o da literatura. Essa breve definição sempre me pareceu coerente com as estratégias de alguns mestres da Pop Art, em especial meu favorito, Roy Lichtenstein, e a transposição de figuras que ele ensaiava, das páginas dos quadrinhos à esfera da pintura. Talvez sirva também para a eleição feita por Alfredo: em sua retomada de experiências do passado, nesses dias de suspensão da ordem ordinária dos dias, ele escolhe o papelão. E o papelão mais sem importância, o das embalagens para transporte de mercadorias, refugado como inútil pelos armazéns e pelos supermercados. Era isso, mais

algumas réguas, curvas-francesas e poucas tintas.

Por que o artista busca testemunhas para esse gesto? Dia a dia, em diferentes grupos de amigos no aplicativo do celular, e depois em um único grupo, criado especialmente para esse fim, Alfredo compartilha o desenvolvimento de cada imagem: da colagem inicial e das primeiras tentativas de composição, até o final, e, por vezes, além disso, com as repinturas e as recolagens de cada exemplar, acomodando e reacomodando as bases de papelão, anunciando suas dúvidas e hesitações, suas insatisfações e descobertas.

Suponho que, ao dividir, diariamente, semana após semana, mês após mês, essas realizações (e os diferentes estados de espírito que as acompanhavam), Alfredo não buscava conselhos ou parâmetros, muito menos orientação. Nenhuma necessidade. Trata-se de um artista com vasta experiência e consciente dos vaivéns caros à criação. As inseguranças que apareciam vez ou outra eram aquelas próprias do fazer; portanto, incontornáveis.

Gosto de pensar que, nesse desejo de partilha por parte do artista, havia, talvez, alguma curiosidade, algum interesse nas impressões dos outros, alguma vontade de medir o impacto de seu reencontro com a pintura, mas, antes de tudo, a percepção de que, naquele inútil, pulsava alguma consolação. Me acostumei (nos acostumamos, imagino) a

esperar, a cada manhã, a promessa do dia, que mais ou menos se cumpria até o fim da tarde, ou que avançava, com sorte, pelo dia seguinte. Valia, aqui, mais do que o resultado, ou até mesmo mais do que o próprio processo, a alegria de, em plena quarentena, nessas horas de imobilidade, oferecer alguma coisa de quase nada. Uma trégua.